

Um estudo comparativo sobre a noção de diálogo no Islã e no Budismo

A comparative study on the notion of dialogue in Islam and Buddhism

Un estudio comparativo sobre la noción de diálogo en el Islam y el Budismo

Ahmed Faizuddin Ramli

Faculdade de Ciências Humanas. Sultan Idris Educação Universidade. 35900. Tanjong Malim. Perak. Malásia.
<faizuddin@fsk.upsi.edu.my>

Maomé Asath

Departamento de Usul al-Din e Religião Comparada. Kulliyah do Conhecimento Islâmico Revelado e Ciências Humanas.
Universidade Internacional Islâmica da Malásia. 53100. Kuala Lumpur. Malásia.

Ahmad Moghri

Departamento de Religiões Abraâmicas, Universidade de Religiões e Denominações. 37100. Qom. Irã.

Resumo

O diálogo inter-religioso é um instrumento vital para promover a compreensão e a cooperação entre as diferentes comunidades religiosas. Este artigo apresenta um estudo comparativo das perspectivas islâmica e budista sobre o diálogo inter-religioso. Baseando-se em fontes primárias de ambas as religiões, este estudo explora os fundamentos teológicos do diálogo inter-religioso e as estratégias práticas empregadas por muçulmanos e budistas na promoção da compreensão inter-religiosa. As semelhanças e diferenças entre as abordagens das duas religiões para o diálogo inter-religioso são analisadas, examinando como suas respectivas crenças, práticas e histórias moldam suas atitudes em relação à diversidade religiosa. Priorizou-se o viés qualitativo, com base em revisão bibliográfica, enfatizando a análise de conteúdo sobre o Islã e as escrituras

Abstract

Interfaith dialogue is a vital tool for promoting understanding and cooperation between different religious communities. This article presents a comparative study of the Islamic and Buddhist perspectives on interfaith dialogue. Drawing on primary sources from both religions, this study explores the theological foundations of interfaith dialogue and the practical strategies employed by Muslims and Buddhists in promoting interfaith understanding. The similarities and differences between the two religions' approaches to interfaith dialogue are analysed, examining how their respective beliefs, practices, and histories shape their attitudes toward religious diversity. The research design is qualitative using library research by emphasizing content analysis on Islam and Buddhism scripture. The results show that the Islamic para-

Resumen

El diálogo interreligioso es un instrumento vital para promover el entendimiento y la cooperación entre diferentes comunidades religiosas. Este artículo presenta un estudio comparativo de las perspectivas islámica y budista sobre el diálogo interreligioso. Basándose en fuentes primarias de ambas religiones, este estudio explora los fundamentos teológicos del diálogo interreligioso y las estrategias prácticas empleadas por musulmanes y budistas para promover el entendimiento interreligioso. Se analizan las similitudes y diferencias entre los enfoques de las dos religiones hacia el diálogo interreligioso, examinando cómo sus respectivas creencias, prácticas e historias moldean sus actitudes hacia la diversidad religiosa. El diseño de la investigación es cualitativo utilizando investigaciones bibliotecarias, enfatizando el análisis de contenido sobre el Islam y las escrituras budistas. Los resultados

do budismo. Os resultados mostram que o paradigma islâmico do diálogo inter-religioso é o *da'wah* (propagação, convite ou introdução do Islã) que está enraizado no Tawhid, em contraste, o budismo promove a libertação do sofrimento humano que está enraizado no Bhavana e na atenção plena. O estudo contribui para o princípio do diálogo inter-religioso e fornece insights sobre o potencial das relações inter-religiosas para sustentar a harmonia, a paz e o respeito mútuo em diversas sociedades. Estudos sugerem a compreensão de cada fundamental para encorajar estudiosos muçulmanos e budistas a produzir um diálogo inter-religioso abrangente, teológica e filosoficamente.

Palavras-chave: Diálogo inter-religioso. Islã e budismo. Religião comparada. Diálogo teológico. Tolerância religiosa.

digm of interreligious dialogue is da'wah (propagation, invitation or introducing Islam) which is rooted in Tawhid, in contrast, Buddhism promotes liberation from human suffering which is rooted in Bhavana and mindfulness. The study contributes to the principle of interfaith dialogue and provides insights into the potential of interfaith relations for sustaining harmony, peace, and mutual respect in diverse societies. Studies suggest the understanding of each fundamental to encourage Muslim and Buddhist scholars to produce comprehensive interreligious dialogue, theologically and philosophically.

Keywords: Interfaith dialogue; Islam and Buddhism; Comparative religion; theological dialogue; religious tolerance.

muestran que el paradigma islámico del diálogo interreligioso es la da'wah (propagación, invitación o introducción del Islam) que tiene sus raíces en el Tawhid, en cambio, el budismo promueve la liberación del sufrimiento humano que tiene sus raíces en Bhavana y la atención plena. El estudio contribuye al principio del diálogo interreligioso y proporciona información sobre el potencial de las relaciones interreligiosas para sostener la armonía, la paz y el respeto mutuo en sociedades diversas. Los estudios sugieren comprender cada uno de los fundamentos para alentar a los eruditos musulmanes y budistas a producir un diálogo interreligioso integral, teológica y filosóficamente.

Palabra clave: Diálogo interreligioso. Islam y budismo. Religión comparativa. Diálogo teológico. Tolerancia religiosa.

Introdução

O diálogo muçulmano-budista é um componente essencial da paz mundial. O Islã e o budismo são duas religiões mundiais que compreendem mais da metade da população do Sudeste Asiático. A palavra Islã está enraizada na paz e o budismo ensina *maitri* (bondade amorosa), mas os encontros entre muçulmanos e budistas são retratados como confrontos violentos nos tempos modernos¹. Escusado será dizer que o diálogo entre eles tem o poder de trazer a paz e a reconciliação numa era da chamada “islamofobia” que potencialmente existe entre as sociedades religiosas muçulmanas e budistas² baseadas numa sólida orientação etno-religiosa³. O diálogo inter-religioso não é reconhecido como periférico ou um luxo, mas como um imperativo do nosso tempo. É através do envolvimento com os outros e da construção de confiança no nível mais profundo que os indivíduos experimentam a transformação. O compromisso dialógico proporciona um espaço no qual uma compreensão mais profunda de Deus pode ser alcançada e onde os indivíduos podem aprender a interagir de forma mais eficaz, promovendo a cooperação não apenas para o benefício da

1 Mohamed Ashath, “Coexistência pacífica através dos conceitos de Brahmavihārās do budismo e Maqāṣid al-Sharī’ do Islã: uma análise de conteúdo”, *Analisa: Journal of Social Science and Religion* 6(1) (2021), 1–16, <https://doi.org/10.18784/analisa.v6i01.1298>.

2 Ahmad Faizuddin Ramli, Jaffary Awang e Zaizul Ab Rahman, “Identificando a Islamofobia no Contexto Budista da Malásia”, *Al-Itqan: Journal of Islamic Sciences and Comparative Studies*, 5(2) (2020), 89.

3 Jaffary Awang, Ahmad Faizuddin Ramli e Zaizul Ab Rahman, “Intercultural Theology in the Multicultural Context of Muslim – Buddhist Relation in Malaysia: History, Identity, and Issues”, *Religiões* 13(11) (2022), 10, <https://doi.org/10.3390/rel13111125>

sociedade, mas também para o desenvolvimento pessoal e espiritual.

Este estudo enfatiza a importância do diálogo inter-religioso em nosso mundo pluralista contemporâneo, destacando sua natureza essencial, apesar dos desafios inerentes que apresenta⁴. Neste mundo pluralista contemporâneo, o diálogo é essencial, senão extremamente desafiador. A relutância ao diálogo vem do equívoco de que, em relação a outras crenças religiosas, devem-se rejeitar as próprias. As tradições religiosas enfrentam pressões internas e externas à medida que navegam pelo envolvimento com diversas comunidades religiosas⁵. Esses desafios podem se manifestar de várias maneiras, incluindo sentimentos de estar sendo ameaçado por muitas crenças religiosas, uma tendência a demonizar aqueles que são diferentes ou uma ânsia excessiva de acomodar os outros à custa da própria tradição. Embora alguns indivíduos possam não ser diretamente afetados por esses fenômenos, é difícil para alguém permanecer inalterado diante de tais desafios. Em um mundo de diversidade, a rejeição de valores absolutos é considerada apropriada⁶.

Para muçulmanos⁷ e budistas⁸, abrir mão de crenças e valores fundamentais é assustador. Ambas as religiões têm sua própria interpretação exclusiva e inclusiva⁹. No Islã, a *Shari'ah islâmica* do profeta Maomé, enraizada no Nobre Alcorão e no Hadith, é o valor absoluto para os muçulmanos, comparável ao Dharma e ao Vinaya – ensinamento constituído pelo Buda Gautama¹⁰. Embora o Islã e o budismo sejam frequentemente descritos como radicalmente diferentes e doutrinariamente inconciliáveis¹¹, com suas semelhanças limitadas ao espectro ético-filosófico, ambos oferecem empiricamente orientações temáticas comuns¹² ao comparar elementos de diferentes tradições religiosas baseadas em teologia, história, cultura¹³ e misticismo¹⁴. Um princípio é a tolerância – que enfatiza a concordância e a cooperação em questões de bondade – há discordância em outras questões, especial-

4 Bayfield, T. Race, "Religion and Shared Theology", in *Século XXI, Teologias das Religiões* (Leiden: Brill, 2016), 109-127, https://doi.org/10.1163/9789004324077_009

5 Clooney, F. X., *Teologia Comparada: Aprendizagem Profunda Através das Fronteiras Religiosas* (Malden: Wiley-Blackwell, 2010).

6 Bjoernaas, T. I., "Christian Muslim Dialogue: Karl Rahner and Ismail al-Faruqi on Universal Salvation", *Estudos em Diálogo Inter-religioso* 27(1)(2018), 45, <https://doi.org/10.2143/SID.27.1.3275091>

7 Çakmak, M., "Fundamentos da Inclusão Religiosa no Pensamento Muçulmano", *Islamic Quarterly* 60(4) (2016), 467-508.

8 Velez de Cea, J. A., *O Buda e a Diversidade Religiosa* (Londres: Routledge, 2013), <https://doi.org/10.4324/9780203072639>.

9 Enraizado no cristianismo, o inclusivismo não nega categoricamente a outras religiões qualquer valor ou verdade, mas apenas sustenta que o valor e a verdade da própria religião são incomparáveis, uma vez que o inclusivismo se considera capaz de "incluir" (todas) as outras religiões – vis-à-vis o exclusivismo. Ver, R., Jonkers, P., Teologia, C., & Wiertz, O. J., *Verdade Religiosa e Identidade em uma Era de Pluralidade* (Oxon: Routledge, 2019), 5, <https://doi.org/10.4324/9780429019678>

10 Yusuf, I., "Islam and Buddhism Relations from Balkh to Bangkok and Tokyo", *Mundo Muçulmano* 100(2-3) (2010), 180, <https://doi.org/10.1111/j.14781913.2010.01312.x>; Yusuf, I., "A Muslim's Reflections on Saddharamapundarikutra: The Lotus Sutra", *Estudos Budistas-Cristãos* 40(Maio) (2020), 93.

11 Obuse, K., "Teologia das Religiões no Contexto da Relação Budista-Muçulmana", in *Asean Religious Pluralism: The Challenges of Building a Socio Cultural Community*, ed. I. Yusuf (Banguecoque: Konrad-Adenauer-Stiftung 2014), 72-85.

12 Ver: Shah-Kazemi, R. et al., "Common Ground between Islam and Buddhism", *Religious Studies Review* 39(2)(2010), p. 121.

13 Ver Jaffary et al., "Intercultural Theology in the Multicultural Context", p. 2; Frydenlund, I., & Jerryson, M. eds., *Buddhist-Muslim Relations in a Theravada World* (Singapura: Springer, 2020), <https://doi.org/10.1007/978-981-32-9884-2>.

14 Khajegir, A., & Heidary, S., "Níveis de Existência no Misticismo Islâmico e Mahayana Budista", *Journal of Religion and Theology* 4(1) (2020), 8-18; Yusuf, I., "Diálogo entre Sufismo e Budismo: Os Conceitos de al-Insan al-Kamil e Bodhisattva", em *Medindo o Efeito do Misticismo Iraniano no Sudeste Asiático* (Centro Cultural, Embaixada da República Islâmica do Irã. 2004), 207-218.

mente nos elementos que contrariam o princípio religioso. Este princípio fundamental é um ponto comum neste estudo e é indubitavelmente o ponto de partida do diálogo muçulmano-budista.

No entanto, na preocupação de encontrar pontos em comum, é importante não subestimar o principal obstáculo para este estudo: as diferenças nas três doutrinas teológicas a seguir, a saber, o conceito de profetismo, Deus e salvação. Embora seja valioso buscar um terreno comum, é igualmente importante reconhecer e apreciar a singularidade de cada crença religiosa. Ao considerar as escrituras islâmicas e budistas, torna-se evidente que ambas as religiões reconhecem e celebram a diversidade, respeitando o contexto religioso uma da outra. Este artigo começa com a definição e o conceito de diálogo do ponto de vista islâmico e budista, seguido pela abordagem do diálogo além dos desafios do período contemporâneo.

Materiais e Métodos

Este estudo utilizou uma abordagem qualitativa de pesquisa, utilizando especificamente a análise de conteúdo como ferramenta metodológica. A análise de conteúdo foi utilizada para quantificar a ocorrência de palavras, frases, sujeitos ou conceitos específicos em um conjunto de textos históricos e contemporâneos dos campos dos estudos religiosos e da religião comparada¹⁵. Os textos selecionados incluíam escrituras islâmicas e budistas, livros, artigos e diretrizes de autoridade religiosa que eram relevantes para os conceitos de diálogo. A análise de conteúdo possibilitou um exame sistemático dessas fontes, permitindo uma compreensão abrangente dos fundamentos teológicos e das estratégias práticas relacionadas ao diálogo inter-religioso no Islã e no budismo.

A noção de diálogo no Islã

O diálogo é conhecido como um meio para engajar pessoas de diferentes origens e crenças em direção à tolerância na sociedade. O termo “diálogo” é derivado do grego¹⁶, ou seja, *diálogos*, *dialogos*, *dialegethai*, ou uma combinação de palavras *dia* (através); com a palavra *legein* ou *logos* (conversa)¹⁷; que se refere a discussões, conversas formais entre um grupo ou país para resolver problemas ou mal-entendidos¹⁸. O termo “diálogo” também abrange assuntos relacionados à conversa, discussão e deliberação entre duas ou mais partes, geralmente ocorrendo em um ambiente formal e planejado¹⁹.

15 Não consta no original

16 *Enciclopédia das Religiões e do Desenvolvimento Espiritual* (Thousand Oaks: Sage Publication, 2006), p. 345.

17 Muhammad Shafiq & Mohammed Abu Nimer, *Diálogo Inter-religioso: Um Guia para Muçulmanos* (Herndon: The International Institute of Islamic Thought, 2007), 1; Ahmad Faizuddin Ramli & Jaffary Awang, “Dialog Antara Agama Menurut Perspektif Islam”, *Revista Internacional de Estudos Islâmicos e Civilizacionais* 3(2) (2016), 147.

18 *Macmillan English Dictionary* (Oxford: Macmillan Education, 2002), p. 381.

19 Khambali, K. M. Monday, N. H., “The Image of Dialogue Between Religions in Islamic and Christian Perspectives: A Preliminary Analysis”, *MALIM – SEA Journal of General Studies* 13(Julho) (2012), 169-198.

A *Nova Enciclopédia Britânica*²⁰ define “diálogo” como uma palavra dita por personagens de drama ou ficção. Refere-se também ao gênero da literatura na conversação. Em árabe, a palavra diálogo é *al-hiwar*, cuja etimologia significa uma ação para devolver algo a algo, da qual deriva a palavra *al-muhawarah*, que se refere a responder ou retrucar uma palavra entre falantes²¹.

Expandindo a conotação, Rohi Ba’albaki a esse respeito usa a palavra referindo-se a vários significados, como *hadatha* (falar), *bahatha* (consultar) e *naqasha* (discutir), que conota dialogar, conversar, discutir, debater, raciocinar com²². Embora a palavra diálogo em árabe tenha um significado amplo, como sugere Rohi Ba’albaki, o significado de diálogo está sujeito ao contexto – que é uma conotação mais positiva em relação a argumentos, brigas e debates.

Durante o diálogo, a primeira parte ouvirá primeiro o ponto de vista da segunda parte para que a primeira parte possa entender sua posição no diálogo²³. A expressão “diálogo inter-religioso” é uma combinação da palavra “diálogo” com a palavra “inter” e “religião”; onde ‘diálogo’ refere-se à conversa, e ‘inter’ é o significado de entre ou entre. Em geral, as palavras diálogo inter-religioso referem-se ao diálogo que ocorre entre religiosos²⁴, entre duas religiões ou entre duas denominações religiosas.

De acordo com Ghazali Basri, o diálogo inter-religioso refere-se à capacidade de um grupo religioso de reagir a quaisquer questões que surjam, seja envolvendo o próprio grupo ou outros, ou um mecanismo para identificar pontos de semelhança e diferenças entre religiões²⁵. Já Khadijah et al. definem diálogo inter-religioso como cooperação e interação positiva entre partes de diferentes tradições religiosas, ocorrendo tanto em nível individual quanto institucional. Seu objetivo é promover a compreensão mútua por meio de discussões sobre valores religiosos compartilhados e cultivar o respeito à diversidade entre as religiões²⁶.

O diálogo inter-religioso, por outro lado, coloca uma forte ênfase na promoção de uma comunicação eficaz e na promoção de relações com indivíduos de diversas religiões e culturas para combater a ignorância e mitigar mal-entendidos inter-religiosos. Seu objetivo central é promover a compreensão mútua e o respeito pelas tradições religiosas uns dos outros. O diálogo inter-religioso não visa a um acordo absoluto, mas procura facilitar um intercâmbio aberto de ideias e perspectivas que permitam uma compreensão mais profun-

20 The Encyclopaedia of Britannica, “Dialogue”, <https://www.britannica.com/art/dialogue>, consultado em 30 de maio de 2017.

21 Ibn Manzoor, Jamal al-Din Muhammad b. Mukarram al-Ansari, *Lasan al-‘Arab*, vol. 5 (Kuru: Dar al-Misriyyah li al-ta’liff wa al-translaton, s.d.), 298; Ahmad Zamri, Yahya bin Muhammad Hasan, *Al-Haywar: Adabwah wa Dawabatuh fi da’ al-Kitab wa al-Sunna* (Meca: Dar-ul-Turbiyah wa al-Turath, 1994), 19-20; ‘Abdullah bin Husayn al-Mujan, *al-Haywar fi al-Islam* (Meca: Markaz al-Ka’un, 2006), 17.

22 Rohi Ba’albaki, *al-Mawrid* (Beirute: Dar al-‘Ilm li al-Malayin, 1995), 449.

23 Ahmad Faizuddin & Jaffary, “Diálogo inter-religioso segundo a perspectiva islâmica.”, p. 147.

24 Oliveira, M. M., “A Muslim View of Christianity: Essays on Dialogue”, in *Faith Meets Faith*, ed.

25 Ghazali Basri, “Inter-religious Dialogue in Malaysia”, in *Série de Monografias, Centre for Civilisational Dialogue*, No. 9 (Kuala Lumpur: Pusat Dialog Peradaban Universiti Malaya, 2009), 6.

26 Khadijah Mohd Kambali @ Hambali, Suraya Sintang, Azmil Zainal Abidin, “Diálogo entre Religiões no Contexto da Ciência Religiosa Comparada Segundo as Perspectivas Islâmicas”, *TAFHIM: IKIM Journal of Islam and the Contemporary World* 6 (2013), 83-120.

da uns dos outros, apesar das diferenças de crenças²⁷. Assim, o diálogo pode ser reconhecido como um mecanismo eficaz que pode criar um ambiente propício para os religiosos, respeitando e celebrando diferentes visões de acordo com a natureza da criação humana. O diálogo permanente entre vários elementos da religião, da cultura e do pensamento na civilização contribui para o desenvolvimento da boa compreensão e da harmonia na vida²⁸.

a. O al-Alcorão e o Diálogo Inter-religioso

Em geral, a definição do diálogo está expressa nas escrituras islâmicas, referindo-se a uma interação ou conversa entre duas ou mais pessoas com pontos de vista diferentes. De acordo com al-Tantawi, o conceito de diálogo está relacionado aos termos *al-mujadalah* (debate) e *al-muhawarah* (diálogo), que significam “subjugar e derrotar o inimigo através do estabelecimento de fortes argumentos e evidências”²⁹.

Definindo o significado de diálogo, al-Tantawi sugere que ele também pode ser relacionado aos termos de *al-qawl*, já que a etimologia também se refere a conversa, discussão e debate³⁰. No Nobre Alcorão, a palavra *al-qawl* foi mencionada mais de 1.700 vezes em muitos contextos de versos. Por exemplo, ao chamar para o diálogo, “*Yā ayyuhā ladhīna āmanū*» (Ó crentes!)³¹, “*Yā ayyuhan nās*” (Ó humanidade!)³², “*Yā ayyuhan nabīyy*” (Ó Profeta!)³³, “*Yā ayyuhal rasul*” (O Mensageiro!)³⁴. Por outro lado, o cenário de diálogo no Nobre Alcorão se manifesta através de um diálogo entre o profeta Salomão com a formiga³⁵, entre Allah (SWT) com anjos³⁶ e os Iblis³⁷. Em termos de diálogo inter-religioso, há duas versões do profeta Maomé (PBUH); *primeiro*, com o povo do Livro (*Yā ahlāl kitāb*);

“Diga: “Ó povo da Escritura, venha a uma palavra que seja equitativa entre nós e você – que não adoraremos exceto a Alá e não associaremos nada a Ele e não tomaremos uns aos outros como senhores em vez de Alá...”³⁸.”

Segundo, com os descrentes (*Yā ayyuhal kāfirūn*): “Diga: “Ó descrentes, eu não adoro o que vocês adoram”³⁹.”

27 Ahmet Kurucan & Mustafa Kasim Erol, *Dialogue in Islam: Qur'an – Sunnah – History* (Londres: Dialogue Society, 2012), p. 20.

28 Hussain, L. K. A.-S., & Ramli, A. F., “Contribuições da Civilização Islâmica para o Desenvolvimento da Matemática”, *Wawasan: Jurnal Ilmiah Agama dan Sosial Budaya* 2(2) (2017), 199-208, <https://doi.org/10.15575/jw.v2i2.1450>

29 Muhammad Sayyid al-Tantawi, *Adab al-Haywar fi al-Islam* (Kero: Dar al-Nahad Egito, 1997), 4.

30 *Ibidem*.

31 Q.S. *Al-Baqara* 2:153.

32 Q.S. *Al-Baqara* 2:21.

33 Q.S. *Al-Ahzab* 33:45.

34 Q.S. *Al-Ma'edh* 5:41.

35 Q.S. *Al-Namal* 27:18.

36 Q.S. *Al-Baqara* 2:30.

37 Q.S. *Al-Hajar* 15:32.

38 Q.S. *Ali Imran* 3:64.

39 Q.S. *al-Kafirun* 109:1.

O primeiro versículo destaca o apelo ao diálogo equitativo entre os muçulmanos e o Povo das Escrituras (referindo-se a judeus e cristãos). Ele enfatiza o compromisso compartilhado de adorar Alá SWT sozinho, sem associar nenhum parceiro a Ele. Este versículo encapsula a crença islâmica fundamental na Unicidade de Deus (*Tawhid*) e rejeita a adoração de qualquer pessoa ou qualquer coisa além de Alá. Enfatiza a importância de encontrar um terreno comum e promover *Tawhid* no diálogo inter-religioso. O versículo sugere que a base para o diálogo deve ser o reconhecimento dos princípios centrais de *Tawhid*. Enquanto o segundo versículo se dirige aos descrentes, transmitindo uma mensagem clara de que o orador (neste caso, o profeta Maomé) não adora o que eles adoram. Este versículo enfatiza a distinção entre a fé islâmica e as crenças dos descrentes. Serve como uma declaração de identidade religiosa e destaca o intransigente princípio *Tawhid* do Islã. Ao expressar essa diferença, o versículo estabelece uma fronteira entre a fé islâmica e outras religiões, enfatizando a importância de manter identidades religiosas distintas enquanto se engaja em um diálogo respeitoso. Ambos os versículos demonstram a importância da comunicação clara e da afirmação de crenças religiosas nos encontros inter-religiosos. Enquanto o primeiro versículo se concentra em encontrar um terreno comum e enfatizar crenças compartilhadas, o segundo versículo enfatiza a distinção entre o princípio *Tawhid* do Islã e outros sistemas de crenças.

Esses versículos destacam a natureza multifacetada do diálogo inter-religioso, englobando tanto os esforços para estabelecer pontos comuns quanto a necessidade de manter a identidade e as crenças religiosas. Eles fornecem insights sobre a abordagem do Nobre Alcorão para se envolver com pessoas de diferentes religiões, promovendo o diálogo enquanto afirma os princípios fundamentais do *Tawhid*. Em suma, a versão do cenário de diálogo inter-religioso no Nobre Alcorão ressalta a importância do diálogo e seu papel em facilitar a comunicação, a compreensão e a orientação. O uso da palavra '*al-qawl*' para se dirigir a diferentes grupos de pessoas no Nobre Alcorão reflete sua ênfase na importância da audiência e do contexto na comunicação eficaz. Os diálogos que ocorrem no Nobre Alcorão servem a várias funções, como transmitir mensagens divinas, testar a fé e o conhecimento humanos e fornecer orientação moral e exemplos.

b. Hadith e o Diálogo Inter-religioso

No Hadith, o conceito de diálogo não estava longe do que tem sido encontrado no Alcorão Nobre. A palavra etimologicamente refere-se a conversa, discussão e debate. Por exemplo, em um Hadith narrado por Abu Darda':

“Houve uma disputa (*muhawarah*) entre Abu Bakr e 'Omar, e Abu Bakr deixou 'Omar irritado. Então, 'Omar saiu com raiva. Abu Bakr seguiu-o, pedindo-lhe que pedisse perdão (a Alá) por ele, mas 'Omar se recusou a fazê-lo e fechou sua porta na cara de Abu Bakr. Então, Abu Bakr foi ao Mensageiro de Alá PBUH enquanto estávamos com ele. O Mensageiro de Alá disse: “Este seu amigo deve ter brigado (com alguém)”. Nesse

meio tempo, ‘Omar arrependeu-se e sentiu pena do que tinha feito, então veio, cumprimentou (os que estavam presentes), sentou-se com o profeta e contou-lhe a história. O Mensageiro de Alá ficou furioso, e Abu Bakr começou a dizer: “Ó Mensageiro de Alá! Por Deus, eu tinha mais culpa (do que ‘Omar).” O Mensageiro de Alá disse: “Você (pessoas) estão partindo para mim, meu companheiro? (Abu Bakr), Você (pessoas) estão saindo para mim, meu companheiro? Quando eu disse: “Ó povo, sou enviado a todos vocês como o Mensageiro de Alá”, vocês disseram: “Você conta uma mentira”, enquanto Abu Bakr disse: “Você falou a verdade⁴⁰”.

Os Hadith usam a palavra *muhawarah* para se referir a uma disputa entre dois companheiros do profeta. Essa conotação está próxima do debate e da discussão em vez do real significado do diálogo, que deveria ser mais positivo. Ahmad Zamriand Abdullah Mujan também diferencia os conceitos de diálogo e debate, pois a natureza do diálogo é limitada a abordagens positivas e não visa ganhar uma visão pessoal sobre a outra parte, como acontece em um debate ou discussão⁴¹. Portanto, o Nobre Alcorão posiciona a palavra *al-mujadalah* (debate) com *ahsan* (da melhor maneira), como afirmado em *Surah al-Nahl*: “Convide para o caminho de seu Senhor com sabedoria e boa instrução e argumente com eles da maneira que for melhor⁴²”.

Na mesma visão, al-Qasim e al-Hamd argumentam que, embora o diálogo e o debate envolvam uma reunião, discussão e conversa entre duas partes, o diálogo tende a refletir a interação, já o debate, geralmente, leva à arrogância e obsessão com a própria opinião⁴³. O diálogo envolve abertura e disposição para ouvir o ponto de vista da outra parte, mesmo que haja diferença no tema discutido. Na mesma noção, Shehu argumenta que “debate” ou *al-jidal* (árabe) refere-se à objeção à verdade ou falsa visão⁴⁴. O termo “debate” depende do contexto – se ocorre para diferenciar entre o certo e o errado, então é permitido justificar o princípio errado. O debate, pelo menos, pode ser considerado como “diálogo de briga” em geral e compartilhar objetivos com o diálogo⁴⁵.

Por outro lado, o diálogo prático pode ser identificado através de várias séries de diálogos do profeta Maomé com outros governantes, como Heráclio – o rei de Roma. O diálogo que foi transcrito, convidando o rei para o Islã, é o seguinte:

40 Al-Bukhaari, *Sahih al-Bukhari li al-Imam Abi ‘Abd Allah Muhammad bin Asma al-‘Al*, Livro 65, Hadith No. 162 (Beirute: Dar ibn Kathir, 2004).

41 Ahmad Zamri, *Al-Hayur*, 19-20; Al-Mujan, *Al-Hayur fi al-Islam*, 17.

42 Q.S. 16:125; Muhammad Bassam Rashdi al-Zayn, *al-Mu jam al-Mufahris li ma’ani al-Qur’an al-Adhim* (Damasco: Dar al-Fikr, 1995), p. 347.

43 Khalid b. ‘Abd Allah al-Qasim, *al-Haywar ma’a ahl al-kitab: asusa wa manahjwa fi al-kitab wa al-sunnah* (Riyad: Dar-ul-Muslim, 1994), 104-106; Muhammad Ibrahim al-Hamd, *Gathering, Fi Adab al-Muhadtha wa al-Majalisa* (Riyad: Dar Ibn Khuzaima, 1996), 67-68.

44 Shehu, Fatmir Mehdi, *Nostra Aetate e a Perspectiva Islâmica do Diálogo Inter-Religioso* (Kuala Lumpur: Universidade Internacional Islâmica da Malásia, 2008), p. 103.

45 Mohd Khambali @ Hambali, K., Ghazali, A., & Senin, N., “Elementos fundamentais na sustentação de relações harmoniosas inter-religiosas sob perspectivas islâmicas na era das novas mídias”, *Journal of Nusantara Studies (JONUS)* 7(2) (2022), 147-165; Jaffary Awang, Ramli, A. F. & Rahman, Z. A., “Refleksi al- Ghazali dalam Dialog Antara Agama”, *Islamiyyat: International Journal of Islamic Studies* 44 (Edição Especial) (2022), 97-107, DOI: <https://doi.org/10.17576/islamiyyat-2022-44IK-10>

“Em nome de Alá, o Beneficente, o Misericordioso (Esta carta é) de Maomé, escravo de Alá e Seu Apóstolo de Heráclio, o governante de Bizantino. A paz esteja com Ele, que segue o caminho certo. Além disso, eu o convido para o Islã, e se você se tornar um muçulmano, você estará seguro, e Alá dobrará sua recompensa, e se você rejeitar este convite do Islã, você estará cometendo um pecado de Arisiyin (lavradores, fazendeiros, ou seja, seu povo). E (Declaração de Alá): ‘Ó povo da escritura! Venha a uma palavra comum a você e a nós que não adoramos ninguém além de Alá e que não associamos nada em adoração a Ele, e que nenhum de nós tomará os outros como Senhor ao lado de Alá. Então, se eles se afastarem, diga: Preste testemunho de que somos muçulmanos (aqueles que se renderam a Alá)’. (03:64)⁴⁶.

Uma carta de convite semelhante ao Islã foi enviada a seis governantes em 629 d.C.: o rei persa, o imperador bizantino, o Negus da Abissínia, o governador do Egito, um príncipe gassânida e um chefe do Banu Hanifa no sudeste da Arábia⁴⁷. O que era muito interessante, a tradição da carta foi seguida pelo califa muçulmano omíada ‘Umar ‘Abd al-’Aziz (682-720 d.C.), em sua carta ao marajá budista Sri Indravarman, o Srivijaya (702-728 d.C.), convidando-os a aceitar o Islã. Nu’aym bin Hammad escreveu:

“O rei de al-Hind enviou uma carta a ‘Umar bin ‘Abd al-’Aziz, que dizia o seguinte: Do rei dos reis, que é descendente de mil reis, cuja consorte, também, é descendente de mil reis, em cujos estábulos estão mil elefantes, e em cujos territórios estão dois rios que irrigam plantas de aloés, ervas odoríferas, noz-moscada e cânfora, cuja fragrância se espalha a uma distância de doze quilômetros – para o rei dos árabes, que não associa outros deuses a Deus. Eu enviei a você um presente, que não é muito um presente, mas (apenas) uma saudação e desejo que você possa me enviar alguém que possa me ensinar o Islã e me instruir em suas Leis [ou, como em outra versão, possa me ensinar o Islã e me explicar]. E a paz esteja convosco!”⁴⁸

Com base na discussão sobre o diálogo no Nobre Alcorão e Hadis que também ocorreu na história muçulmana, o Islã em primeiro lugar relaciona a motivação do diálogo com *da’wah* – chamado ou convite ao Islã com disposição. O discurso do diálogo e do *da’wah* também foi extensivamente examinado por estudiosos islâmicos, baseando-se em várias formas de diálogo encontradas no Nobre Alcorão e Hadith. Exemplos incluem diálogos entre o profeta com outros grupos, não se limitando a cristãos, judeus e sabianos e seus politeístas⁴⁹. Está alinhado com o objetivo do diálogo de propagar o ensino islâmico para a humanidade, independentemente de sua etnia, língua e cultura⁵⁰.

46 Al-Bukhari, *Sahih al-Bukhari*, Livro 1 Hadith No. 7.

47 Al-ya ‘Moor, Muhammad b. Sayyid al-Nis, *Yuyun al-Athar fi Arts al-Mughazi wa al-Shamānā*, vol. 2 (Damasco: Dar ibn Kathir, s.d.), 350-351.

48 Fatimi, S. Q., “Duas Cartas do Marajá ao Khalifah”, *Estudos Islâmicos* 2(1) (1963), 129; Abu al-Mahasin Ibn Yusuf Taghribirdi, *al-Nujum al-Zahirah fi Muluk Misr wa al-Qahirah* (n.p: Dar al-Kutub, 2010); Jaffary et al., “Encontros Muçulmanos e Budistas”, p. 137.

49 Al-Zain, *Al-Mu Jam al-Mufahras*, 347-370; Importância Korokin & Mustafa Kassim, “Diálogo no Islã”, 37.

50 Al-Qasim, *al-Hiwar ma’a Ahl al-Kitab*, 112-127; Ahmad Zamri, *al-Hiwar*, 43; Ibrahim, Mohammad Said Mitwally, “Interfaith Dialogue: A

Assim, o diálogo em si tem duas categorias. De acordo com Muhammad Sayyid Tanta-wi, o Alcorão Nobre apresentou duas formas de diálogo, seja para louvar os crentes entre o Povo do Livro ou para condenar aqueles que estão desviados⁵¹. No mesmo argumento, al-Qasim classificou duas formas de diálogo: *primeiro*, o diálogo da *Shari'ah* – permitido no Islã, baseado em cinco princípios⁵²:

- a) Convidar as pessoas a aceitar o ensino islâmico.
- b) Para explicar o erro de outras doutrinas religiosas.
- c) Para refutar a dúvida de outras religiões sobre o Islã.
- d) Fortalecer a fé entre os muçulmanos.
- e) Para manifestar a bondade da *sharia islâmica*.

Enquanto o diálogo não *shari'ah* – não permitido no Islã – é baseado em três princípios:

- a) Obedecer e amar a doutrina de outros seguidores religiosos.
- b) Fazer a ponte entre as doutrinas religiosas sem qualquer limitação.
- c) Para justificar e apoiar outras doutrinas.

A classificação do diálogo não está longe da maioria dos muçulmanos que defendem uma posição exclusivista, pois o Islã é a verdadeira religião, portanto, é sua responsabilidade transmitir a mensagem a outras religiões. O conceito não estava longe de outras religiões missionárias como o cristianismo, pois ambas visam propagar suas respectivas religiões⁵³. Assim, o diálogo inter-religioso deve ocorrer no Islã sem desacreditar outras religiões para sustentar sua superioridade, ou para mudar outras doutrinas religiosas.

O diálogo, por outro lado, serve ao propósito de fornecer uma explicação abrangente da compreensão religiosa e dos sistemas de crenças para outros de forma acadêmica e construtiva. O principal objetivo do diálogo é enfrentar e superar os desafios enfrentados pelas sociedades multirreligiosas contemporâneas, tanto interna quanto externamente⁵⁴, reunindo seguidores de diferentes credos com o objetivo de promover a harmonia inter-religiosa e promover a convivência pacífica⁵⁵. Em contraste, os inclusivistas muçulmanos refutam a motivação para converter outros a aceitar o Islã, pois isso levará ao desconforto devido ao tratamento de seu sistema de crenças, por exemplo, no caso do conflito budista-muçulmano em Mianmar, em que os nacionalistas budistas justificaram sua agressão contra a sociedade muçulmana minoritária por terem se sentido ameaçados pelas atividades de propagação islâmica que tendem a converter os budistas⁵⁶. Embora esta seja uma alegação

Muslim Legal Perspective on its Validity , Concept and Practices", *Insights: Muslim Non-Muslim Relations* 3(1)(2010), p. 95.

51 Al-Tantawi, *Adab al-Hewer*, 181.

52 Al-Qasim, *Al-Hayur Ma'a Ahl al-Kitab*, 112-127

53 Bayfield, T., "Interfaith Dialogue: Global Perspectives", *Jornal da Igreja e do Estado* 4(1) (2016), <https://doi.org/10.1057/978-1-137-59698-7>.

54 Mohd Farid Mohd Shahrán, "Truth of Principles and Needs of Dialogue", in *Islam and Relations Between Religious Adherents*, eds.

55 Elius, M., Khan, I., Bin Mohd Nor, M. R., Yusoff, M. Y. Z. B. M. & Noordin, K. Bin, "Islam as a Religion of Tolerance and Dialogue: A Critical Appraisal", *Journal for the Study of Religions and Ideologies* 18(52) (2019), 96-109.

56 Jaffary Awang, Ahmad Faizuddin Ramli e Zaizul Ab Rahman, "Muslim Views on Other Religions: With Special Reference to Buddhism,"

infundada, tem sido considerada uma ameaça à sobrevivência da religião, cultura e economia da nação e uma ameaça ao reino budista⁵⁷.

Portanto, devido ao equívoco sobre o significado de *da'wah* e à contradição entre o diálogo e o *da'wah*, é preciso conciliar o significado de *da'wah* para devolvê-lo ao contexto original que é mais universal e holístico, em vez de significar a conversão pela força. Por outro lado, “a afirmação da fé” – “Para ti seja o teu Caminho, e para mim o meu”⁵⁸, – como afirmado no Nobre Alcorão, manifesta o princípio de “não compulsoriedade religiosa”, isto é, proíbe explicitamente os muçulmanos de forçar ou obrigar os não muçulmanos a converterem-se ao Islã, porque a conversão deve ser voluntária; a conversão ao Islã deve basear-se inteiramente na vontade e na crença nas tradições e práticas islâmicas, bem como os ensinamentos islâmicos em geral. Sob o princípio da “metodologia do convite ao Islã”, o Nobre Alcorão instrui os muçulmanos a empregar três abordagens: sabedoria, bons conselhos e debate respeitoso. Enfatiza a importância de dialogar e discutir com os outros de uma maneira que seja caracterizada pela sabedoria e boas maneiras.

O termo “bom debate”, neste contexto, pode, de fato, ser entendido como o envolvimento no debate ou na argumentação, empregando as melhores e mais agradáveis maneiras. Enfatiza a importância de apresentar sua perspectiva de forma respeitosa e construtiva, promovendo a compreensão e o respeito mútuo em vez de se envolver em trocas hostis ou conflituosas. O uso do termo “bom debate” destaca a importância do diálogo e do discurso intelectual não apenas para transmitir a mensagem do Islã de forma eficaz e promover a compreensão entre diferentes indivíduos e comunidades, mas também para expressar que o Islã realmente enfatiza a importância da interação entre as pessoas para espalhar amor, bondade e vida pacífica entre a humanidade⁵⁹. Encoraja os muçulmanos a se envolverem em discussões ponderadas e respeitadas, considerando perspectivas diversas e apresentando seus argumentos de maneira persuasiva e respeitosa.

No entanto, se essas três abordagens de convidar não muçulmanos para o Islã não funcionarem, os muçulmanos devem aderir ao princípio de “afirmação da fé”. Isso significa que os muçulmanos que se envolveram em *da'wah* externo, convidando não muçulmanos a abraçar ou aceitar o Islã, e não conseguiram convencê-los devem respeitar sua decisão e permitir que pratiquem sua religião de escolha. Vale ressaltar que existem dois tipos diferentes de *da'wah*: interno e externo. O *da'wah* interno refere-se aos esforços feitos dentro da comunidade muçulmana para fortalecer a fé dos muçulmanos e promover a adesão aos princípios islâmicos. O *da'wah* externo, por outro lado, envolve alcançar indivíduos que não são seguidores do Islã e convidá-los a explorar e considerar os ensinamentos da religião.

HTS Theologiese Studies / Theological Studies 77(4) (2021), 5, <https://doi.org/10.4102/hts.v77i4.6608>

57 Jaffary Awang, Ahmad Faizuddin Ramli & Zaizul Ab Rahman, “Encontros Muçulmanos e Budistas: Entre Conflito e Harmonia”, *Islamiyyat: The International Journal of Islamic Studies* 44(1) (2022), 132, <https://doi.org/https://doi.org/10.17576/islamiyyat-2022-4401-12>; G. van Klinken & Aung, S. M. T., “The Contentious Politics of Anti Muslim Scapegoating in Myanmar”, *Jornal da Ásia Contemporânea* 47(3) (2017), 353-375, <https://doi.org/10.1080/00472336.2017.1293133>; Crouch, M., “Myanmar’s Muslim Mosaic and the Politics of Belonging”, in *Islam and the State in Myanmar* (Oxford: Oxford University Press, 2016), 36/9, <https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780199461202.003.0002> 58 Q.S. 109:6

59 Mohd, K., Hambali, K., Mohd Paudzi, N. H. & Sultan Mohsen Sallam, A. N., “Islamic Perspective on the Concept of Interaction Among Multicultural Society”, *AFKAR: Journal of Aqidah and Islamic Thought* 23(2) (2021), 249-274, DOI: <https://doi.org/10.22452/afkar.vol23no2.7>

No contexto específico mencionado, em que os muçulmanos se envolveram em *da'wah* externos, mas não foram bem-sucedidos em persuadir os não muçulmanos a abraçar o Islã, os muçulmanos precisam defender o princípio de respeitar a liberdade religiosa. O Islã reconhece que os indivíduos têm o direito de escolher suas próprias crenças e práticas religiosas, e os muçulmanos devem honrar e permitir essa liberdade⁶⁰. Além disso, Ismail al-Faruqi ao discutir o significado de *da'wah* argumentou que o ato de chamar ao Islã não equivale a forçar alguém a aceitá-lo⁶¹. Alá ordena que “não deve haver coerção na religião”⁶² e que o objetivo do chamado só pode ser alcançado através do livre-arbítrio do indivíduo. O propósito do chamado é que o chamador exerça seu próprio julgamento e reconheça Alá como seu Criador, Mestre, Senhor e Juiz. Qualquer tentativa de forçar ou impor essa crença contradiz sua própria natureza e é punível com Jahannam. Coagir alguém a se converter ao Islã é visto como uma grave violação dos direitos humanos e só perde para o homicídio. O Nobre Alcorão defende o uso da persuasão ao chamar as pessoas para a fé, argumentando com elas da maneira mais graciosa: “Convide para o caminho de seu Senhor com sabedoria e boa instrução, e argumente com elas da maneira que for melhor...”⁶³.

Se não se interessam por preconceito e incompreensão, devem ser deixados em paz, sem desconectar a relação social em valores humanísticos. Ismail al-Faruqi afirma claramente que *da'wah* não é coerção, mas se refere ao convite puro com vontade. Portanto, o Nobre Alcorão enfatiza os “termos comuns” ou *kalimatın sawa'* quando dialoga com o Povo do Livro,

“Diga: ‘Ó povo da Escritura, venha a uma palavra que seja equitativa entre nós e você – que não adoraremos exceto a Alá e não associaremos nada a Ele e não tomaremos uns aos outros como senhores em vez de Alá.’ Mas se eles se afastarem, então digam: “Preste testemunho de que somos muçulmanos [submetendo-nos a Ele]”⁶⁴.

No mesmo argumento, Ataulah Siddiqui esclarece que o *da'wah* é sobre “comunicação” e “convite” ao Islã, não sobre conversão⁶⁵. O diálogo, por outro lado, é sobre conversar com, e não simplesmente falar sobre, pessoas de outras religiões, crenças e persuasões. A realidade é que as diferenças de religiões são o plano de Deus, e assim permanecerão para sempre. O fardo humano é conectar-se com os outros com dignidade e respeito. Com base nesse argumento, podemos concluir que diálogo e *da'wah* estão inter-relacionados, mas têm significados diferentes. O diálogo pode fazer parte do meio do *da'wah*.

O diálogo pode ser um meio para transmitir uma mensagem islâmica que seja universal, não se limitando a convidar as pessoas a aceitar o Islã como um modo de vida. Se as pessoas

60 Ahmad Faizuddin & Jafri, “Dialogue Antara Agama Menurut Perspective Islam.”, p. 32; Jaffrey et al., “Visões muçulmanas sobre a religião do juramento, 4.

61 Al-Faruqi, Ismail Raji, “Sobre a Natureza do *Da'wah Islâmico*”, in *Missão Cristã e Da'wah Islâmico*, ed.

62 Q.S. *Al-Baqara* 02:256

63 Q.S. *Al-Nihal* 16:125

64 Q.S. *Ali Imran* 03:64

65 Siddiqui, Ataulah, *Diálogo Cristão-Muçulmano no Século XX* (Londres: Macmillan Press LTD, 1997), 70-75.

aceitarem, é uma vantagem para os muçulmanos. Porque as pessoas não têm autoridade para mudar dentro do coração humano, nem as forçam a isso. Se as pessoas não aceitam o Islã, o diálogo ainda pode ocorrer concentrando-se nos valores humanistas ou comuns que outras tradições religiosas também promoveram. Isso foi enraizado no Nobre Alcorão, em que o diálogo reflete as pessoas de outras religiões.

A Noção de Diálogo no Budismo

O budismo, comparativamente distante dos movimentos sociais e culturais modernos e não tão envolvido no diálogo inter-religioso, não pode mais resistir às contradições do pluralismo, da globalização e do secularismo. Nas escrituras budistas, duas palavras próximas ao significado de diálogo são *kathopakathana* (falar/falar intensamente) e *samvāda* (falar juntos). Para justificar isso, Lam Soon Dat, um Bikhu e estudioso do diálogo inter-religioso, explica que o *kathana* (*kathopakathana*) inclui o significado de conversar⁶⁶, enquanto *vāda* (*samvāda*) refere-se ao significado particular de uma doutrina de afirmação de discurso enfática ou formulada. Outros termos associados à conotação são *lapanā* (falar), *ālapana* (dirigir-se, falar com), *sallāpa* (conversação) e *vivāda*, (disputa, contenda)⁶⁷. Assim, as palavras pali *sākacchā* (discurso), *sambhāsā* (conversa), *kathā* (falar com) e *samvāda* (falar juntos) são os termos mais relevante para o diálogo⁶⁸. A fé budista não é impedimento para o diálogo com outras religiões, pois o budismo não é um sistema de dogmas. O Buda exortou seus discípulos a não acreditar cegamente em nada, nem mesmo em suas palavras. Em vez disso, eles devem ouvir e, em seguida, examinar os ensinamentos por si mesmos, para que possam ser convencidos de sua verdade⁶⁹. Buda geralmente evitava fazer críticas específicas de religiões específicas, a menos que ele fosse convidado ou desafiado a fazê-lo⁷⁰. Por causa disso, na história do Sri Lanka, Arahant Mahinda, que introduziu Buda Sasana ao país, é descrito como ‘*dīpa-pasādaka*’: aquele que conquistou o coração dos (habitantes da) ilha⁷¹. Portanto, essas atitudes promovem e ajudam iniciativas de diálogo inter-religioso.

É claro que o Buda não tinha «budistas» ouvindo-o. Assim que começou a lecionar, ficou claro nos textos como pessoas pertencentes a diferentes estratos sociais passaram a segui-lo. Eles se tornaram «ouvintes» (*śrāvaka/sāvaka*) do Buda. Os discursos relatam como algumas pessoas, no final do sermão, se refugiariam no Buda, no Dhamma e no Saṅgha, e pediriam ao Buda que os aceitasse como *upāsaka/upāsikā* (pessoa masculina/feminina que fica por perto). Refugiar-se na Joia Tríplice (*ti-ratana/tri-ratna*) e tornar-se um seguidor do Buda são ambos atos voluntários de uma pessoa, e tais atos não significam que alguém

66 Lam Son Dat, *Um Estudo Analítico da Compreensão Interreligiosa: Uma Perspectiva Budista* (Punjab: The Punjabi University, 2012).

67 *English to Pali and Pali to English Dictionary Online*, <https://dictionary.sutta.org/>, acessado em 21 de janeiro de 2019.

68 Ver *Pāli-English Dictionary*, eds. T. W. Rhys Davids e William Stede (Bristol: Pāli Text Society, 1999).

69 Ver V. Trenckner ed., *The Majjhima Nikāya*, vol. I (Oxford: The Pali Text Society, 1993), p. 320. Também, na versão em inglês, *The Collection of the Middle-Length Sayings (Majjhima Nikāya)*, vol.

70 K. Jayatilleke, *A atitude budista em relação a outras religiões* (Sri Lanka: Buddhist Publication Society, 1975), p. 31.

71 A. Tilakaratne, “Inter-Religious Understanding”, in *Collected Papers: Asanga Tilakaratne*, eds. S. F. Miriswatthe Wimalagnana Thera & Denzil Senadheera, vol.

foi convertido a algo por alguém⁷². Sem dúvida, o budismo aceita e honra o “direito” de qualquer religião de existir em qualquer lugar (como tudo o mais) e o “direito” (a obrigação moral) dos adeptos de qualquer religião de ensinar sua religião aos outros⁷³. Assim, o budismo está pronto para abrir o diálogo com qualquer religião mundial, porque o diálogo para os budistas é uma atividade conhecida no contexto budista como *discussão dhamma*.

No tempo do Buda, os budistas eram encorajados a realizar discussões *dhamma* entre si e os budistas e não budistas⁷⁴. Portanto, vale a pena examinar o diálogo inter-religioso de um ponto de vista budista, por exemplo, trazendo exemplos concretos dos Sutas e reconhecendo e reinterpretando noções budistas à luz da estrutura para o diálogo inter-religioso. Segundo Abe, um diálogo entre as religiões mundiais depende da descoberta de novas estruturas teológicas sobre as quais a “cultura mundial” e a “história mundial” possam ser construídas⁷⁵. De fato, a sociedade global nunca estabelece harmonia sem um profundo entendimento mútuo entre as religiões mundiais. Para ser uma verdadeira religião mundial, o budismo deve lidar com a situação religiosa pluralista e a condição religiosa e se engajar no diálogo inter-religioso sem impor suas próprias categorias ontológicas e axiológicas⁷⁶.

Um diálogo normal geralmente envolve representantes de ambos os grupos religiosos na discussão de questões, por exemplo, um diálogo inter-religioso formal de várias origens (estudiosos religiosos, cientistas e ativistas).⁷⁷ No entanto, isso não é menos verdadeiro quando os budistas falam sobre outras religiões. Em outras palavras, o diálogo permite que os budistas aprendam e entendam outras religiões. Isso pode ser alcançado por um diálogo eficaz que permita a cada membro do diálogo que emita sua opinião sem limitações. Ao mesmo tempo, todas as partes devem permanecer comprometidas com um fórum aberto no qual os participantes sejam livres para expressar suas ideias e opiniões sem medo de recriminação por influência política.

Pode acontecer que algumas comunidades religiosas que só recentemente aderiram ao diálogo e, portanto, são novas em seus caminhos, não consigam “encontrar sua linguagem” quando outras fazem críticas que lhes parecem injustificadas ou desinformadas. Ao encontrar o aspecto comum entre as pessoas de fé, os budistas identificarão o aspecto que existe em outras religiões, enquanto a base também é enfatizada pelo ensinamento de Buda. Por exemplo, o Buda estava preocupado com a injustiça e aqueles que eram oprimidos sob o nome de religião. Assim, os budistas instaram a apoiar os injustiçados, independentemente de sua origem religiosa, porque nenhuma religião merece sofrer injustiça, e exortaram seus discípulos a serem críticos de qualquer fé ou de seus ensinamentos. Em vez disso, eles

72 *Ibidem*.

73 *Ibidem*.

74 Veerachart Nimanong, “Espiritualidade budista e Diálogo Inter-religioso”, *Mahachula Academic Journal* 3 (s.d.), 162-78.

75 Masao Abe, *Budismo e Diálogo Inter-Religioso*, ed. Steven Heine (Houndmills: Macmillan, 1995), <https://doi.org/10.1017/CBO9781107415324.004>. 76 *Ibidem*, xix.

76 *Ibidem*, xix.

77 Sivarasa, S., & Muzaffar, C., *Política Alternativa para a Ásia: Um Diálogo Budista-Muçulmano* (Selangor: Movimento Internacional por um Mundo Justo. (1999), p. 16.

deveriam ouvir e, em seguida, testar os ensinamentos por si mesmos, para que possam ser persuadidos à verdade⁷⁸.

O diálogo no budismo, por outro lado, tem grande significado e está enraizado nos ensinamentos e práticas da tradição. O budismo promove a comunicação aberta e respeitosa como um meio de aprofundar a compreensão, promover a harmonia e cultivar a sabedoria. O conceito de diálogo está intimamente alinhado à prática do Discurso Correto, como enfatizado no Nobre Caminho Óctuplo⁷⁹. O Discurso Correto incentiva a comunicação verdadeira, benéfica e não prejudicial em todas as interações, incluindo diálogos com outras pessoas. No budismo, o diálogo também está entrelaçado com a atenção plena e a escuta profunda⁸⁰. A prática do mindfulness permite que os indivíduos estejam totalmente presentes e atentos durante as conversas, cultivando uma atitude aberta e sem julgamentos. A escuta profunda envolve apresentar-se plenamente aos outros, suspender preconceitos e suposições pessoais e compreender verdadeiramente suas perspectivas e experiências. Isso promove empatia, compreensão mútua e relacionamentos harmoniosos.

Além disso, o diálogo budista incorpora elementos de investigação⁸¹. Ela encoraja os indivíduos a questionar seus próprios pressupostos, crenças e apegos. Através de uma investigação ponderada, o diálogo torna-se uma oportunidade de crescimento pessoal e espiritual, levando a uma maior perspicácia e sabedoria. Além disso, o diálogo no budismo vai além das interações interpessoais para incluir o engajamento com diversas perspectivas religiosas e filosóficas. O budismo valoriza explorar e trocar ideias, buscar um terreno comum e apreciar a diversidade das experiências humanas. O diálogo inter-religioso, em que os budistas se envolvem com seguidores de outras tradições, é visto como uma oportunidade de aprendizado mútuo, fomentando o respeito e cultivando uma sociedade mais harmoniosa.

a. Kālāma Sutta e o Diálogo Inter-Religioso

O *Anguttara Nikaya* do *Sutta Pitaka* contém o *Kālāma Sutta*. Este *sutta* foi explicado pelo Buda aos Kālāmas, um grupo de indivíduos. Ainda é visto como um texto que apoia o ceticismo e a razão. O Buda faz seu famoso argumento para desafiar rigorosamente as doutrinas religiosas nesta *sutta*. Por causa dessa famosa frase, todo o texto foi entendido como apoiando a rejeição de qualquer coisa que vá contra a razão ou a realidade, incluindo as doutrinas budistas. Quando o Buda e seus discípulos chegaram à cidade de Kesaputta, os Kālāmas se aproximaram do Buda e expressaram dúvidas sobre seus ensinamentos. O Buda lhes disse: “É normal que vocês fiquem perplexos, Kālāmas, é esperado que fiquem

78 Havanpola Ratanasara, “A Importância do Diálogo Inter-Religioso: Uma Perspectiva Budista”, 1996, Dharma Urbano, <http://www.urbandharma.org/bcdialog/bcd2/interfaith.html>, acessado em 21 de janeiro de 2020.

79 Baird, R. D., & Keown, D., “A Natureza da Ética Budista”, *Numen* 41(2) (1994), 111, <https://doi.org/10.2307/3270267>

80 Husgafvel, V., “The ‘Universal Dharma Foundation’ of Mindfulness-Based Stress Reduction: Non-Duality and Mahāyāna Buddhist Influences in the Work of Jon Kabat-Zinn”, *Budismo Contemporâneo* 19(2), (2018), 291, <https://doi.org/10.1080/14639947.2018.1572329>

81 Cohen, R. S., *Beyond Enlightenment: Buddhism, Religion, Modernity*, (Londres: Routledge, 2009), p. 153, <https://doi.org/10.4324/9780203098783>

em dúvida. Surgiu em você a dúvida sobre um assunto desconcertante.” Ele então ofereceu suas famosas instruções aos Kālāmas sobre ceticismo, argumentando:⁸²

“Venham, Kālāmas, não se deixem levar pela tradição oral, pela linhagem de ensino, pelo boato, por uma coleção de escrituras, pelo raciocínio lógico, pelo raciocínio inferencial, pela cogitação raciocinada, pela aceitação de uma visão depois de ponderá-la, pela aparente competência de um orador, ou porque você pensa: ‘O asceta é nosso guru’. Mas quando sabeis por vós mesmos: ‘Estas coisas são salutares; essas coisas são irrepreensíveis; estas coisas são louvadas pelos sábios; essas coisas, se aceitas e empreendidas, levam ao bem-estar e à felicidade’, então você deve viver de acordo com elas.”

A partir da passagem, o Buda oferece a seguinte orientação ao povo sobre isso: Não se guie pelo que foi adquirido por audição repetida, nem por tradição ou boato, nem rumor, nem o que está nas escrituras, nem suposição, nem um axioma, nem um raciocínio especioso, nem um viés em relação a uma noção que foi ponderada, nem pela aparente habilidade alheia, nem pela consideração: “O monge é nosso mestre”. Kālāmas, quando vós mesmos sabeis: “Estas coisas são boas; essas coisas não são censuráveis; estas coisas são louvadas pelos sábios; Essas coisas levam ao benefício e à felicidade, entram e permanecem nelas.”⁸³

A conexão entre *Kālāma sutta* e o diálogo inter-religioso é inevitável. No contexto do diálogo inter-religioso, o *Kālāma sutta* pode encorajar a mente aberta, o respeito por diversas crenças e a importância da experiência direta na compreensão de diferentes religiões. Promove o diálogo baseado na investigação racional, no aprendizado mútuo e no cultivo da compaixão e da compreensão.

O *sutta* coloca uma forte ênfase na necessidade de investigação completa, análise lógica e experiência pessoal em primeira mão na identificação do que é saudável e útil. O Buda exorta os Kalamas a cultivar virtudes como a sabedoria, a rejeição à má vontade e à inocuidade, bem como a considerar as implicações éticas e consequências de sua conduta. Portanto, é necessário observar que a seguinte passagem contém de *Kālāma Sutta* a essência da atitude recomendada pelo Buda em escolher entre ideologias conflitantes como base para viver.

b. Caṅkī Sutta e Diálogo Inter-religioso

O *Caṅkī*⁸⁴ *Sutta* descreve como quando o Buda chega a Opasāda⁸⁵, Cankī o visita, apesar dos protestos de outros brâmanes. O *Caṅkī Sutta* abre com o Buda e uma grande

82 Bhikkhu Bodhi, trad., *Os Discursos Numéricos do Buda: Uma Tradução Completa do Anguttara Nikaya* (Boston, MA: Wisdom Publications; 2012).

83 Dat, “Um Estudo Analítico da Compreensão Inter-Religiosa”, 37-38.

84 Caṅkī é um *mahā, sāla* (“grande salão”, isto é, rico e eminente) e aprendeu brâmane do período de Buda. Rajah Pasenadi de Kosala deu-lhe Opasāda como um *brahmadeya* (um feudo), do qual compreensivelmente ele é o habitante mais proeminente. Opasāda é uma próspera cidade bem povoada em Kosala, perto da qual há uma floresta de sal (*sāla, vana*), onde muitas vezes são feitas oferendas aos deus; por isso, também é chamada de Floresta Deva (*deva, vana*).

85 Opasāda refere-se à aldeia de brâmanes em Kosala, onde Canki viveu, que vivia em feudo real concedido a ele por Pasenadi.

envolverem em investigações aprofundadas, reconhecendo a transitoriedade dos conceitos e a possibilidade de crescimento e transformação baseados no diálogo. A *sutta* também enfatiza a importância de uma conversa focada em valores e objetivos compartilhados. Embora o texto preciso do *Caṅkī Sutta* possa não abordar diretamente a discussão inter-religiosa, suas ideias fundamentais de comunicação eficaz, encontrar a verdade e cultivar a compreensão podem ajudar a construir uma atmosfera de discurso pacífica e frutífera entre pessoas de diferentes origens religiosas.

c. *Tevijja Sutta* e o Diálogo Inter-religioso:

Tevijja Sutta (também traduzido como O Discurso sobre os Três Conhecimentos) é o décimo terceiro *sutta* do *Digha Nikāya*, pregado a Vāsettha e Bhāradvāja, que visitaram o Buda em Manasākata. O Buda enfatiza a falácia da noção de que alcançar o mero conhecimento dos Três Vedas é suficiente para alcançar o reencontro com Brahma. No entanto, somente pela prática dos quatro Brahmavihras se pode alcançar tal unidade.

A narrativa pode ser resumida da seguinte forma: o Exaltado uma vez visitou a aldeia brâmanes de Manasākaṭa, em Kosala, enquanto viajava pela região com um grupo considerável de irmãos, em número de aproximadamente 500. Havia brâmanes ilustres e ricos hospedados em Manasākaṭa: Caṅkī, Tārukkha, Pokkharasādī, Jāṇussoṇi, Todeyya e outros brâmanes muito distintos e ricos. Quando os dois jovens Vāsettha e Bhāradvāja estavam se exercitando (depois de tomar um banho), eles começaram a debater e refletir sobre qual caminho era o genuíno e qual era o falso enquanto caminhavam para cima e para baixo. O jovem brâmane Vāsettha falou: o caminho reto é o que foi anunciado pelo Brahman Pokkharasādī. Já o brâmane Bhāradvāja falou: o caminho reto é o que foi anunciado pelo brâmane Tārukkha. Eles foram a Buda para resolver o problema e Buda perguntou se algum dos brâmanes anteriores experimentou Brahma (Deus) ou se havia um único dos brâmanes versados nos três Vedas, que já tinha visto Brahma face a face. Mas Buda não recusou totalmente o discurso e os aconselhou a aceitar sua própria experiência espiritual⁸⁹.

O *Tevijja Sutta* contém insights perspicazes que podem melhorar os esforços para promover a compreensão inter-religiosa. Os participantes podem se envolver em conversas construtivas e cordiais considerando vários caminhos, desenvolvendo sabedoria, concentrando-se em valores comuns e abraçando humildade e abertura. O discurso inter-religioso torna-se uma ferramenta potente para promover a harmonia, a compreensão e a colaboração entre pessoas de várias tradições religiosas quando incorpora as ideias oferecidas na *Tevijja Sutta*.

Discussão

O diálogo no Islã e no budismo compartilha algumas semelhanças, mas também há diferenças distintas em suas conceituações e abordagens. No Islã, o reconhecimento e a

89 Ver; Piya Tan, trad., "Tevijja Sutta (The Discourse on Those with the 3 Knowledges)", <https://suttacentral.net/dn13/en/sujato>, acessado em 14 de junho de 2018.

importância do diálogo são um meio para promover a compreensão e promover a paz. O Alcorão Nobre e o Hadith enfatizam a importância de dialogar com pessoas de diferentes religiões. O diálogo islâmico visa transmitir a mensagem do Islã e promover a compreensão mútua, guiado pelos princípios de tauhid, sabedoria, justiça e tolerância. Os muçulmanos são encorajados a dialogar com os outros, mantendo os valores e ensinamentos do Islã.

No budismo, o diálogo é visto como um meio para aprofundar a compreensão, promover a harmonia e cultivar a sabedoria. Enfatiza a importância de um discurso hábil e compassivo, enraizado no princípio ético do Discurso Correto. A atenção plena e a escuta profunda são parte integrante do diálogo budista, promovendo a empatia, a compreensão mútua e relacionamentos harmoniosos. O diálogo budista também incentiva a investigação, convidando as pessoas a questionar suposições e cultivar o crescimento pessoal e espiritual.

No entanto, há diferenças na conceituação do diálogo entre o Islã e o budismo. No Islã, o diálogo está muitas vezes enraizado na propagação da fé (*da'wah*) e na transmissão dos princípios islâmicos. Procura promover a compreensão e convidar outras pessoas a abraçar a mensagem islâmica. Além disso, embora ambas as tradições enfatizem a comunicação respeitosa, o Islã enfatiza fortemente a importância da *Tawhid* e da adoração a Alá. O diálogo no Islã pode envolver discussões sobre o conceito de Deus, a natureza da fé e o papel do profeta Maomé como mensageiro final. O foco é introduzir a opção de *Tawhid* e convidar outras pessoas a abraçá-la livremente. Além disso, o diálogo inter-religioso está de acordo com a natureza e o espírito do Islã. Isso porque o Islã não é uma religião que ensina seus seguidores a se isolarem ou se separarem de outras tradições religiosas apenas com base em diferenças de religião e cultura. Por conseguinte, o diálogo é crucial para estabelecer a unidade humana e a harmonia global⁹⁰.

Por outro lado, o diálogo no budismo muitas vezes engloba investigações filosóficas, explorando questões existenciais e a natureza da realidade. Tem como objetivo cultivar a percepção pessoal e a sabedoria. Em resumo, tanto o Islã quanto o budismo reconhecem o valor do diálogo na promoção da compreensão e da paz. O Islã enfatiza a transmissão da mensagem islâmica e a importância do *Tawhid*, enquanto o budismo enfatiza a atenção plena, a escuta profunda e a investigação pessoal. Ambas as tradições compartilham o objetivo de promover a compreensão mútua e cultivar relações harmoniosas por meio de uma comunicação respeitosa e compassiva.

Além disso, para as descobertas da noção de diálogo, as atitudes islâmicas e budistas em relação a outras religiões têm sido de “tolerância crítica” desde a sua fundação. Isso significa que, embora o Islã e o budismo tenham sido críticos de outras religiões, eles também foram tolerantes um com o outro. Além disso, o Islã e o budismo foram capazes de combinar a paixão missionária com essa visão tolerante. Apesar de ser considerado o budismo como uma religião não missionária contrária ao Islã em um sentido popular, ambas as religiões não realizaram guerras religiosas ou perseguições contra outras religiões em prol da conversão. Em vez disso, estes exibiram um notável grau de flexibilidade e foram capazes de se espalhar através da disseminação da compreensão.

90 Khadijah Mohd Khambali @ Hambali, “Diversity & Union In the Context of *Fiqh al-Ta'ayush*”, *Afkar: Journal of Islamic Faith & Thought* 22(1) (2020), 73-102.

Tanto a noção islâmica quanto a budista de diálogo inter-religioso enfatizam a importância de construir pontes entre diferentes religiões e promover a compreensão e o respeito mútuos. A “tolerância crítica” de ambas em relação a outras religiões sugere que ela está aberta a dialogar, mantendo uma perspectiva crítica. Geralmente, tanto o Islã quanto o budismo veem que a salvação só é possível dentro de sua maneira de acreditar e praticar a religião.

A ênfase do budismo no diálogo inter-religioso está enraizada no engajamento saudável com os outros e a humanidade. Da mesma forma, a ênfase do Islã no diálogo inter-religioso está enraizada na crença de que todas as pessoas são criadas por Deus e todos os seres humanos são uma família, que há uma necessidade de promover a paz e a compreensão entre as diferentes comunidades. A noção islâmica de diálogo inter-religioso distingue o budismo das *noções tawhidic* e das *noções paṭīccasamuppāda* (causa e efeito).

Outra possível diferença entre as duas noções de diálogo é que o budismo tende a se concentrar mais no desenvolvimento espiritual individual e na obtenção da iluminação (*Nibbana*), enquanto o Islã dá maior ênfase na justiça social e no estabelecimento de uma sociedade justa (*ummah*). Essa distinção pode ser refletida nos objetivos e resultados de cada tradição para as iniciativas de diálogo inter-religioso. No entanto, é importante notar que ambas as religiões são complexas e multifacetadas, e qualquer comparação entre elas deve ser abordada com sensibilidade e nuances. Embora existam algumas semelhanças entre as duas noções, é importante notar que elas estão enraizadas em diferentes tradições religiosas e podem ter abordagens e objetivos diferentes.

Por outro lado, o diálogo no budismo muitas vezes engloba investigações filosóficas, explorando questões existenciais e a natureza da realidade. Tem como objetivo cultivar a percepção pessoal e a sabedoria. Em resumo, tanto o Islã quanto o budismo reconhecem o valor do diálogo na promoção da compreensão e da paz. O Islã enfatiza a transmissão da mensagem islâmica e a importância do *Tawhid*, enquanto o budismo enfatiza a atenção plena, a escuta profunda e a investigação pessoal. Ambas as tradições compartilham o objetivo de promover a compreensão mútua e cultivar relações harmoniosas por meio de uma comunicação respeitosa e compassiva.

Conclusão

Em conclusão, o diálogo entre o Islã e o budismo tem um potencial significativo para promover a compreensão mútua, a harmonia e a paz. Embora existam diferenças em suas conceituações e abordagens para o diálogo, ambas as tradições enfatizam a importância da comunicação respeitosa, da escuta profunda e da busca da sabedoria. No Islã, o diálogo é valorizado como uma forma de introduzir a mensagem islâmica, promover a compreensão e convidar outras pessoas a abraçar o *Tawhid* de Alá. O diálogo islâmico é guiado por princípios de sabedoria, justiça e engajamento respeitoso, buscando construir pontes de entendimento e estabelecer um terreno comum. Da mesma forma, no budismo, o diálogo é visto como um meio para aprofundar a compreensão, cultivar a empatia e explorar questões existenciais. Fundamenta-se no princípio ético do Discurso Correto e incentiva a investi-

gação e o crescimento pessoal. O diálogo budista visa promover relações harmoniosas e aprendizado mútuo entre diversas perspectivas.

Tanto o Islã quanto o budismo reconhecem a importância de dialogar com pessoas de diferentes religiões para superar equívocos, abordar conflitos e promover a coexistência pacífica. Ao dialogar, os adeptos de ambas as tradições têm a oportunidade de aprofundar seu próprio entendimento, desafiar preconceitos e construir relacionamentos baseados no respeito mútuo e na empatia. Em última análise, o diálogo entre o Islã e o budismo pode contribuir para os esforços mais amplos de diálogo inter-religioso, promovendo uma cultura de aceitação, harmonia e colaboração em um mundo cada vez mais diverso e interconectado. Oferece uma plataforma para explorar valores compartilhados, desafios comuns e caminhos para a cooperação na abordagem de questões sociais e na promoção da paz global. Por meio do diálogo contínuo, muçulmanos e budistas têm o potencial de aprofundar sua compreensão mútua, aprender uns com os outros e contribuir para o bem-estar coletivo da humanidade, promovendo a tolerância, o respeito e a coexistência pacífica.

Referências bibliográficas

Abe, M.; *Budismo e Diálogo Inter-Religioso*, ed. Houndmills: Macmillan, 1995, <https://doi.org/10.1017/CBO9781107415324.004>.

Ahmad Faizuddin Ramli & Jaffary Awang. “Diálogo Antara Agama Menurut Perspektif Islam.” *Umran: Revista Internacional de Estudos Islâmicos e Civilizacionais* 3(2) (2016): 22-34.

Ahmad Faizuddin Ramli, Jaffary Awang e Zaizul Ab Rahman. “Identificando a islamofobia no contexto budista da Malásia.” *Al-Itqan: Revista de Ciências Islâmicas e Estudos Comparados* 5(2) (2020): 85-108.

Ahmad Zamri, Yahya bin Muhammad Hasan. *Al-Hayur: Adabwah wa Dawabatuh fi da' al-kitab wa al-sunna*. Meca: Dar-ul-Turbiyah wa al-Turath. 1994).

Ahmet Kurucan & Mustafa Kasim Erol. *Diálogo no Islã: Alcorão-Sunnah-História*. Londres: Dialogue Society, 2012.

Al-Bukhaari, Muhammad bin Asma al-'Al. *Sahih al-Bukhaari li al-Imam Abi 'Abd Allah Muhammad bin Asma al-'Al*. Beirute: Dar Ibn Kathir, 2004.

Al-Faruqi, Ismail Raji. “Sobre a Natureza do Da'wah Islâmico”. In *Christian Mission and Islamic Da'wah*, ed.

Al-Hamd, Muhammad Ibrahim. *Juntos, fi adab al-muhadtha wa al-majalisa*. Riade: Dar Ibn Khuzaima, 1996.

'Abd Allah ibn Husayn. *Al-Hayur fi al-Islam*. Meca: Centre al-Kaun, 2006.

Al-Qasim, Khalid b. 'Abd Allah. *Al-Haywar Ma'a Ahl al--Kitab: Asusa wa Manahjwa fi al-Kitab wa al-Sunna*. Riade: Dar-ul-Muslim, 1994.

Al-Tantawi, Muhammad Sayyid. *Adab al-Haywar fi al-Islam*. Caro: Dar al-Nahad Egito, 1997.

Al-Zain, Muhammad Bassam Rashidi. *Al-mu'jam al-mufahras lima'ani al-qar' em al-'adheem*. Damasco: Dar al-Fikr, 1995.

Ashath, Mohamed. “Coexistência pacífica através dos conceitos de Brahmavihārās do budismo e Maqāṣid al-Sharī'a do Islā: uma análise de conteúdo.” *Analisa: Revista de Ciências Sociais e Religião* 6(1) (2021): 1-16. <https://doi.org/10.18784/analisa.v6i01.1298>. Ayyoub, M. M. “Uma visão muçulmana do cristianismo: ensaios sobre o diálogo”. In *Faith Meets Faith*, ed. Nova Iorque: Orbis Books, 2007.

Baird, R. D., & Keown, D. “A Natureza da Ética Budista”. *Numen* 41(2) (1994). <https://doi.org/10.2307/3270267>

Bayfield, T. “Diálogo Inter-Religioso: Perspectivas Globais”. *Revista da Igreja e do Estado* 4(1) (2016). <https://doi.org/10.1057/978-1-137-59698-7>.

Bayfield, T. “Raça, Religião e Teologia Compartilhada”. No século XXI, Teologias das Religiões. Leiden: Brill, 2016: 109-127. <https://doi.org/10.1163/9789004324077009>

Beise, K. A. A. *Análise Crítica do Inclusivismo Budista em relação aos Outros Religiosos*. Chicago: Universidade de Chicago, 2002.

Bhikkhu Nanamoli & Bhikkhu Bodhi. *Canki Sutta: Tradução dos Discursos de Comprimento Médio do Buda*. Somerville: Wisdom Publications, 1995.

Bjoernaas, T. I. “Diálogo Cristão Muçulmano: Karl Rahner e Ismail al-Faruqi sobre a Salvação Universal”. *Estudos em Diálogo Inter-religioso*, 27(1): 45-62. (2018): <https://doi.org/10.2143/SID.27.1.3275091>

Bokundara Kusla Damma Himi, “Caṅkī Sutta: With Caṅkī Majjima Nikāya Sutta 95 Sinha's Tipitaka Interpretation”, 14 de junho de 2018, <HTTPS://Sinhalatipitaka.wordpress.com/2018/05/14/MN-2-5-5-၉၀-နိ-ဇ္ဈိနိဝဂ္ဂ/>.

Çakmak, M. «Fundamentos da Inclusão Religiosa no Pensamento Muçulmano». *Trimestral Islâmico* 60(4) (2016): 467-508.

Clooney, F. X. *Teologia Comparada: Aprendizagem Profunda Através das Fronteiras Religiosas*. Malden: Wiley-Blackwell, 2010.

Cohen, R. S. *Além do Iluminismo: Budismo, Religião, Modernidade*. Londres: Routledge, 2009. <https://doi.org/10.4324/9780203098783>.

Crouch, M. “O mosaico muçulmano de Mianmar e a política de pertencimento”. No *Islã e no Estado em Mianmar*. Oxford: Oxford University Press, 2016: 9-36. <https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780199461202.003.0002>

Dat, L. S.; *Um Estudo Analítico da Compreensão Inter-Religiosa: Uma Perspectiva Budista*. Punjab: Universidade de Punjabi, 2012.

Elius, M., Khan, I., Bin Mohd Nor, M. R., Yusoff, M. Y. Z. B. M. & Noordin, K. Bin. “O Islã como Religião de Tolerância e Diálogo: Uma Avaliação Crítica”. *Revista para o Estudo das Religiões e Ideologias* 18(52) (2019): 96-109.

Enciclopédia das Religiões e do Desenvolvimento Espiritual. Thousand Oaks: Publicação Sage, 2006.

Fatimi, S. Q. “Duas Cartas do Marajá ao Khalifah.” *Estudos Islâmicos* 2(1) (1963): 121-140.

Frydenlund, I., & Jerryson, M. eds. *Relações budistas-muçulmanas em um mundo teravada*. Singapura: Springer, 2020. <https://doi.org/10.1007/978-981-32-9884-2>.

Ghazali Basri. *Diálogo inter-religioso na Malásia*. In *Série de Monografias Centro para o Diálogo Civilizacional n° 9*. Kuala Lumpur: Pusat Dialog Peradaban Universiti Malaya, 2009.

Husgafvel, V. “A ‘Fundação Universal do Dharma’ de Redução do Estresse Baseada em Mindfulness: Não-Dualidade e Influências Budistas Mahāyāna no Trabalho de Jon Kabat-Zinn.” *Budismo Contemporâneo* 19(2) (2018): 275-326. <https://doi.org/10.1080/14639947.2018.1572329>

Hussain, L. K. A.-S., & Ramli, A. F. “Contribuições da Civilização Islâmica para o Desenvolvimento da Matemática”. *Wawasan: Jurnal Ilmiah Agama dan Sosial Budaya* 2(2) (2017): 199-208. <https://doi.org/10.15575/jw.v2i2.1450>

Ibn Manzoor, Jamal al-Din Muhammad bin Mukarram al-Ansari. *Lasan al-Arab*, Vol. 5. Keru: Dar-ul-Misriyyah li al-ta’lif wa al-translation, s.d.

Ibrahim, disse Mohammad Mitwally. “Diálogo Inter-religioso: Uma Perspectiva Jurídica Muçulmana sobre sua Validade, Conceito e Práticas”. *Insights: Relações Muçulmanas Não-Muçulmanas* 3(1) (2010): 93-126.

Jaffary Awang, Ahmad Faizuddin Ramli e Zaizul Ab Rahman. “Teologia Intercultural no Contexto Multicultural da Relação Muçulmano-Budista na Malásia” *História, Identidade e Questões. Religiões* 13(11) (2022). <https://doi.org/10.3390/rel13111125>

Jaffary Awang, Ahmad Faizuddin Ramli e Zaizul Ab Rahman. “Encontros muçulmanos e budistas: entre o conflito e a harmonia”. *Islamiyyat: Revista Internacional de Estudos Islâmicos* 44(1) (2022): 131-144. <https://doi.org/https://doi.org/10.17576/islamiyyat-2022-4401-12>.

Jaffary Awang, Ahmad Faizuddin Ramli e Zaizul Ab Rahman. “Visões muçulmanas sobre outras religiões: com referência especial ao budismo”. *HTS Teologiese Studies/Estudos Teológicos* 77(4) (2021): 1-7. <https://doi.org/10.4102/hts.v77i4.6608>

Jaffary Awang, Ahmad Faizuddin Ramli e Zaizul Ab Rahman. “Refleksi al-Ghazali dalam Diálogo Antara Agama.” *Islamiyyat: Revista Internacional de Estudos Islâmicos* 44 (Edição Especial) (2022): 97-107. <https://doi.org/10.17576/islamiyyat-2022-44IK-10> Jayatilleke, K. *A atitude budista em relação a outras religiões*. Sri Lanka: Sociedade de Publicação Budista, 1975.

Khadijah Mohd Kambali @ Hambali, Alwani Ghazali & Nurhanisah Senin. “Elementos Fundamentais na Sustentação de Relações Harmoniosas Inter-Religiosas sob Perspectivas Islâmicas na Era das Novas Mídias”. *Revista de Estudos Nusantara (JONUS)* 7(2) (2022): 147-165. <https://doi.org/10.24200/jonus.vol7iss2pp147-165>.

Khadijah Mohd Kambali @ Hambali, Nur Hidayah, Abdul Nasser, “Perspectiva Islâmica sobre o Conceito de Interação”, *Afkar: Journal of Akidah & Islamic Thought* 23(2) (2021): 249-274. <https://doi.org/10.22452/afkar.vol23no2.7>.

Khadijah Mohd Kambali @ Hambali, Suraya Sintang, Azmil Zainal Abidin. “Diálogo entre Religiões no Contexto da Ciência da Religião Comparada Segundo uma Perspectiva Islâmica”. *TAFHIM: Revista IKIM do Islã e do Mundo Contemporâneo* 6 (2013): 83-120.

Khadijah Mohd Khambali @ Hambali & Nurhanisah segunda-feira. “A Imagem do Diálogo entre Religiões nas Perspectivas Islâmica e Cristã: Uma Análise Preliminar”. *MALIM – Revista SEA de Estudos Gerais* 13 (julho) (2012): 169-198.

Khadijah Mohd Khambali @ Hambali. “Diversidade e União no Contexto de Fiqh al-Ta ‘ayush.” *Afkar: Jornal da Fé Islâmica & Pensamento* 22(1) (2020): 73-102. <https://doi.org/10.22452/afkar.vol22no1.3>

Khajegir, A. & Heidary, S. “Níveis de Existência no Misticismo Islâmico e Mahayana Budista”. *Revista de Religião e Teologia* 4(1) (2020): 8-18.

Dicionário Macmillan de Inglês. Oxford: Macmillan Educação, 2002.

Mohd Farid Mohd Shahran. “Verdade dos Princípios e Exigências do Diálogo”. In *Islam and Relations Between Religious Adherents*, eds.

Muhammad Shafiq e Mohammed Abu Nimer. *Diálogo Inter-religioso: Um Guia para os Muçulmanos*. Herndon: Instituto Internacional do Pensamento Islâmico, 2007.

Nimanong, V. “Espiritualidade Budista e Diálogo Inter-Religioso”. *Mahachula Academic Journal* 3 (s.d.): 162-178.

Obuse, K. “Teologia das religiões no contexto da relação budista-muçulmana”. In *Asean Religious Pluralism: The Challenges of Building a Socio-Cultural Community*, ed. Bangucoque: Konrad-Adenauer- Stiftung 2014: 72-85.

Sociedade de Texto Pali. *Dicionário Pali-Inglês da Pali Text Society*. Londres: Chipstead, 1921-1925.

Pāli-English Dictionary, eds. T.W. Rhys Davids & William Stede. Bristol: Sociedade de Texto Pāli, 1999.

R., Jonkers, P., Teologia, C., & Wiertz, O. J. *Verdade e identidade religiosa em uma era de pluralidade*. Routledge: Oxon, 2019. <https://doi.org/10.4324/9780429019678>

Ratanasara, Havanpola. “The Importance of Interfaith Dialogue: A Buddhist Perspective”, 1996, Urban Dharma, <http://www.urbandharma.org/bcdialog/bcd2/interfaith.html>, acessado em 21 de janeiro de 2020.

Rohi Ba'albaki. *Al-Mawrid*. Beirute: Dar al-'Ilm li al-Malayin, 1995.

Ribeiro, J.; *Pluralismo e relativismo*. In *O Manual de Oxford da Diversidade Religiosa*. Oxford: Oxford University Press, 2010: 1-18. DOI:10.1093/oxfordhb/9780195340136.003.0005

Shah-Kazemi, R. “Terreno comum entre o Islã e o budismo”. *Revista de Estudos Religiosos* 39(2) (2010): 121-143.

Shehu, Fatmir Mehdi. *Nostra Aetate e a Perspectiva Islâmica do Diálogo Inter-religioso*. Kuala Lumpur: Universidade Internacional Islâmica da Malásia, 2008.

Siddiqui, Ataullah. *Diálogo Cristão-Muçulmano no Século XX*. Londres: Macmillan Press LTD, 1997.

A Coleção dos Ditos de Comprimento Médio (Majjhima Nikāya), vol. Oxford: Sociedade de Texto Pali, 1990.

The Encyclopaedia of Britannica, “Dialogue”, <https://www.britannica.com/art/dialogue>, consultado em 30 de maio de 2017

Os Discursos Numéricos do Buda: Uma Tradução Completa do Anguttara Nikaya Bhikkhu, trad. Boston, MA: Wisdom Publications, 2012.

Tilakaratne, A. “Compreensão Inter-Religiosa”. In *Collected Papers: Asanga Tilakaratne*, vol. Sri Lanka: Sarasavi Editores, (2020).

Trenckner, V. ed. *A Majjhima Nikāya*, vol.

van Klinken, G., & Aung, S. M. T., “A política controversa do bode expiatório antimuçulmano em Mianmar”. *Jornal da Ásia Contemporânea* 47(3) (2017): 353–375. <https://doi.org/10.1080/00472336.2017.1293133>

Vélez de Cea, J. A.; *O Buda e a Diversidade Religiosa*. Londres: Routledge, 2013. <https://doi.org/10.4324/9780203072639>. Yusuf, I. “Reflexões de um muçulmano sobre *Saddharamapundarik sutra*: O Sutra do Lótus.” *Estudos Budistas-Cristãos* 40 (maio) (2020): 79-104.

Yusuf, I. “Diálogo entre Sufismo e Budismo: Os Conceitos de *al-Insan al-Kamil* e *Bodhisattva*”. *Ao medir o efeito do misticismo iraniano no Sudeste Asiático*. Centro Cultural, Embaixada da República Islâmica do Irã, 2004: 207-218.

Yusuf, I., “As relações islamistas e budistas de Balkh a Banguecoque e Tóquio”. *O Mundo Muçulmano* 100(2-3) (2010): 177-186. <https://doi.org/10.1111/j.1478-1913.2010.01312>.

